



Utilização do método applied behavior analysis como ferramenta terapêutica no transtorno de espectro autista

The use of the Applied Behavior Analysis method as a therapeutic tool in Autism Spectrum Disorder

Utilización del método applied behavior analysis como herramienta terapéutica en el trastorno de espectro autista

Katarine da Costa Silva Sepúlveda¹, Marcos Eduardo da Silva Pereira^{1*}, Joyce Pinheiro Leal Costa¹, Eder Magalhães Silva Fialho¹.

RESUMO

Objetivo: Avaliar o uso do método Applied Behavior Analysis (ABA) como ferramenta terapêutica no autismo em crianças e contribuir para o desenvolvimento de estratégias de intervenção mais eficazes e acessíveis. **Revisão Bibliográfica:** O TEA é um transtorno neurobiológico que afeta o desenvolvimento da comunicação e interação social da criança, com causas multifatoriais ainda não completamente compreendidas. A ABA é destacada como uma abordagem promissora, embasada em evidências, para melhorar as habilidades sociais e comportamentais das crianças com TEA. Estudos demonstram a eficácia da ABA em combinação com outras terapias, enfatizando a importância da intervenção precoce e personalizada. **Considerações Finais:** O envolvimento ativo da família é crucial, profissionais de saúde desempenham um papel fundamental no diagnóstico precoce e na adaptação contínua do tratamento, enfatizando a importância de uma abordagem holística e colaborativa para superar desafios no tratamento do autismo.

Palavras-chave: Autismo, Análise do Comportamento Aplicada (ABA), Intervenção precoce, Desafios de tratamento.

ABSTRACT

Objective: To evaluate the use of Applied Behavior Analysis (ABA) as a therapeutic tool in autism in children and contribute to the development of more effective and accessible intervention strategies. **Literature Review:** SD is a neurobiological disorder that affects the development of communication and social interaction in children, with multifactorial causes not yet fully understood. ABA is highlighted as a promising, evidence-based approach to improving the social and behavioral skills of children with ASD. Studies demonstrate the efficacy of ABA in combination with other therapies, emphasizing the importance of early and personalized intervention. **Final considerations:** Active involvement of the family is crucial, healthcare professionals play a fundamental role in early diagnosis and ongoing treatment adaptation, emphasizing the importance of a holistic and collaborative approach to overcome challenges in the treatment of autism.

Keywords: Autism, Applied Behavior Analysis (ABA), Early intervention, Treatment challenges.

RESUMEN

Objetivo: Evaluar el uso del Análisis del Comportamiento Aplicado (ABA) como herramienta terapéutica en el autismo en niños y contribuir al desarrollo de estrategias de intervención más efectivas y accesibles. **Revisión Bibliográfica:** El TEA es un trastorno neurobiológico que afecta el desarrollo de la comunicación y la interacción social en los niños, con causas multifactoriales aún no completamente comprendidas. El ABA se destaca como un enfoque prometedor, basado en evidencia, para mejorar las habilidades sociales y de comportamiento de los niños con TEA. Los estudios demuestran la eficacia del ABA en combinación con otras terapias, enfatizando la

¹ Afya Faculdade de Ciências Médicas de Santa Inês - MA.

importancia de la intervención temprana y personalizada. **Consideraciones finales:** La participación activa de la familia es crucial, los profesionales de la salud juegan un papel fundamental en el diagnóstico temprano y la adaptación continua del tratamiento, enfatizando la importancia de un enfoque holístico y colaborativo para superar los desafíos en el tratamiento del autismo.

Palabras clave: Autismo, Análisis de Comportamiento Aplicada (ABA), Intervención temprana, Desafíos del tratamiento.

INTRODUÇÃO

O autismo é um transtorno do desenvolvimento que afeta a comunicação, a interação social e o comportamento da criança, e tem se tornado cada vez mais comum em todo o mundo (DA SILVA SDN, et al., 2022). A Análise do Comportamento Aplicada mais conhecida por sua sigla em inglês ABA (Applied Behavior Analysis) é um dos métodos mais utilizados como ferramenta terapêutica no tratamento de crianças com autismo em todo o mundo (DE SOUSA DLD, et al., 2020).

Costa ADA et al. (2024) investigou a associação entre Transtorno do Espectro Autista (TEA) e o uso de medicamentos, tabaco, álcool e drogas ilícitas pelos pais. Realizado com crianças e adolescentes diagnosticados com TEA e indivíduos neurotípicos, o estudo caso-controle utilizou entrevistas com mães ou responsáveis para coletar dados sobre sexo e idade das crianças, idade dos pais, uso de medicamentos antes e durante a gestação, além de tabagismo, etilismo e uso de drogas ilícitas pelos pais. Os resultados indicaram uma associação significativa entre o uso materno de antitérmicos/analgésicos durante a gestação e o TEA. No entanto, o uso de tabaco, álcool e drogas ilícitas pelos pais, antes e durante a gestação, não mostrou relação com o TEA. Esses achados sugerem que fatores ambientais, como o uso de determinados medicamentos durante a gestação, podem influenciar o desenvolvimento do TEA.

Esta abordagem é baseada em evidências que se concentram em desenvolver habilidades sociais de linguagem, leitura, escrita, ensinar novas habilidades e modificar comportamentos inadequados por meio da identificação de antecedentes e consequências do comportamento. No entanto, apesar dos benefícios potenciais, o acesso à terapia ABA ainda é limitado para muitas famílias brasileiras. Os custos associados à terapia ABA podem ser proibitivos, especialmente para famílias de baixa renda. Além disso, a falta de profissionais qualificados em ABA é um desafio significativo (DE SOUSA DLD, et al., 2020).

Apesar dos estudos promissores sobre o uso da ABA como ferramenta terapêutica em crianças portadoras de autismo no Brasil, ainda há lacunas no conhecimento sobre a eficácia e a aplicação do método em diferentes contextos (LIMA LC, et al., 2022). A Análise do Comportamento Aplicada (ABA) é baseada na ciência da Análise do Comportamento, desenvolvida a partir dos estudos de Skinner (1953) sobre o condicionamento operante, onde as consequências de um comportamento influenciam a probabilidade de sua repetição, sendo esses comportamentos moldados por estímulos antecedentes e mantidos por suas consequências (MARTINS e CAMARGO, 2023). O método ABA é a aplicação prática dessa ciência e tem uma ampla gama de usos que vão além do tratamento do autismo, incluindo contextos escolares, clínicos e domésticos. Este sistema teórico robusto é usado para definir e alterar comportamentos tanto de adultos quanto de crianças, com ou sem deficiência, sustentado por uma vasta evidência empírica (TREVISAN DF, et al., 2021).

Um estudo de campo exploratório realizado por Gonçalves AL et al. (2021) teve como objetivo descrever a intervenção psicoterapêutica em crianças de 0 a 4 anos com risco ou diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA). A pesquisa contou com a participação de nove psicólogos que atuam em Minas Gerais, utilizando a Análise do Comportamento Aplicada (ABA) e/ou o Modelo Denver de Intervenção

Precoce (ESDM) como base de intervenção. Os dados foram coletados através de entrevistas semiestruturadas, realizadas presencialmente ou via e-mail, e posteriormente analisadas a partir de diversas categorias. Os psicólogos entrevistados enfatizaram a importância de compreender o desenvolvimento infantil para o rastreamento dos sinais de risco de autismo. A ABA foi destacada como uma abordagem essencial para a estimulação precoce e intensiva em crianças com TEA, visando minimizar comportamentos-problema e promover a aquisição e manutenção de habilidades. Com o aumento dos diagnósticos de TEA, a formação de

profissionais capacitados para intervenções multidisciplinares, éticas e comprometidas torna-se torna cada vez mais crucial. A dedicação e o afeto dos profissionais, especialmente dos psicólogos, são fundamentais para entender as especificidades do público autista e suas famílias, garantindo intervenções seguras e eficazes.

Diante disso, esta revisão narrativa teve como objetivo avaliar o uso do método ABA como ferramenta terapêutica no autismo em crianças com base nos estudos publicados nos últimos cinco anos e contribuir para o desenvolvimento de estratégias de intervenção mais eficazes e acessíveis para a sua população.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

O autismo e o método ABA

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é descrito no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - Quinta Edição (DSM-5) como um transtorno do neurodesenvolvimento que se manifesta através de um desenvolvimento atípico. Esse transtorno apresenta diferentes graus de gravidade, afetando as habilidades sociais e de comunicação, tanto verbais quanto não-verbais. Além disso, indivíduos com TEA frequentemente exibem comportamentos e interesses restritos, juntamente com movimentos repetitivos e estereotipados. Ademais, seu tratamento requer a implementação de terapias intensivas e especializadas que busquem melhorar as habilidades sociais, comportamentais e acadêmicas da criança. (LOPES-HERRERA SA et al., 2023).

Nesse contexto, percebe-se que TEA é um transtorno neurobiológico que afeta o desenvolvimento da comunicação e interação social da criança e suas causas ainda não são completamente compreendidas, mas acredita-se que fatores genéticos e ambientais possam desempenhar um papel importante no seu desenvolvimento (SOARES TF e GUIMARÃES JEV, 2024). Os sintomas do TEA podem variar de leves a graves, e incluem dificuldades na comunicação e interação social, interesses restritos e comportamentos repetitivos, atrasos no desenvolvimento da linguagem e habilidades motoras, bem como sensibilidade sensorial e dificuldades em lidar com mudanças na rotina (PEREIRA ACSC, 2023).

O diagnóstico precoce do TEA é essencial para garantir o acesso a intervenções precoces e eficazes (PESTANA, DMADA, et al., 2023). Instrumentos de avaliação de risco na população geral são projetados para encaminhar indivíduos para intervenções precoces, sem necessariamente discriminar entre diferentes transtornos. No entanto, no rastreio de segundo nível, além de identificar atrasos no desenvolvimento, é crucial distinguir o quadro sintomático do TEA de outros transtornos, como atrasos de linguagem ou cognitivos. Esse rastreio mais específico visa direcionar encaminhamentos de acordo com as características individuais dos pacientes. Instrumentos e técnicas de segundo nível são, portanto, desenvolvidos para uso em populações de alto risco que já apresentam sinais de atrasos no desenvolvimento, focando em aspectos prejudicados, como interação social atípica e comportamentos repetitivos e estereotipados (STEIGLEDER BG et al., 2021).

O modelo de ABA destaca a importância de comportamentos que podem ser observados e medidos, utilizando dados experimentais para orientar a tomada de decisões. Essa abordagem baseia-se em estratégias de avaliação de observação comportamental, garantindo que as intervenções sejam fundamentadas em evidências objetivas e mensuráveis (JAYOUSI S et al., 2023).

No Brasil, esse método de tratamento comportamental tem se mostrado promissor, com resultados positivos em relação à melhoria das habilidades sociais e comportamentais das crianças. Destaca-se a importância de se utilizar a ABA em conjunto com outras terapias, a fim de garantir a eficácia do tratamento considerando as limitações e desafios envolvidos na implementação da ABA, como a falta de profissionais capacitados e o alto custo do tratamento (DE PAULA LC, et al., 2024).

Um estudo comparativo realizado por Mendonça RR et al. (2023) baseado em uma revisão de 23 fontes pertinentes, incluindo artigos, capítulos de livros e anais, mostrou que a TCC é eficaz na reestruturação cognitiva e no desenvolvimento de habilidades sociais e de comunicação. Entre as abordagens terapêuticas mais utilizadas para o TEA como a terapia comportamental e o ABA e a TCC foca em emoções, comportamentos e pensamentos, utilizando técnicas como psicoeducação, gerenciamento do comportamento, exposição gradual,

reestruturação cognitiva e autorregulação emocional. A ABA, por sua vez, analisa as variáveis que afetam o comportamento humano, modificando os antecedentes que podem desencadear comportamentos, com técnicas como o Treinamento de Resposta Essencial (PRT) e o Ensino por Tentativas Discretas (DT). O estudo buscou fornecer uma compreensão aprofundada dessas abordagens, auxiliando profissionais, acadêmicos, familiares e cuidadores de crianças autistas no tratamento e na compreensão do TEA, e ressaltando a necessidade de atualização contínua dos estudos com o avanço das informações e tecnologias.

Uma análise realizada por Moisés TCCP e Santos MP (2024) combinou pesquisa bibliográfica e entrevistas com 4 docentes da Prefeitura Municipal do estado de São Paulo (BR), utilizando questionários para a coleta de dados. Os resultados obtidos confirmaram que a Análise do Comportamento Aplicada (ABA), sendo uma ciência baseada em evidências, proporciona avanços significativos no tratamento de atrasos no neurodesenvolvimento. Todos os profissionais participantes mencionaram o quanto as habilidades em sociedade evoluíram após o início da abordagem da ciência ABA, sobretudo no ambiente escolar.

Inacio TV e Da Silva JRP (2023) analisaram os protocolos de intervenções terapêuticas oferecidas pelo Sistema Único de Saúde (SUS) para pessoas diagnosticadas com autismo e seus familiares, com o objetivo de propor melhorias significativas nos serviços da instituição CER-II localizado no agreste pernambucano e construir um diagnóstico local sobre as potências e dificuldades na atuação, no fluxo e nos relacionamentos profissionais da instituição. A análise revelou como os protocolos de cuidados para o autismo são aplicados no campo da reabilitação e saúde mental, identificando as estratégias de intervenção utilizadas pelos profissionais. A partir dessas descobertas, foram propostas possíveis reconstruções de protocolos e organizações de redes de apoio, envolvendo a participação ativa dos envolvidos. Entre os recursos disponíveis no SUS, destacou-se a avaliação do M-CHAT, um instrumento de rastreamento precoce para autismo, que visa identificar indícios do transtorno em crianças entre 18 e 24 meses de idade. A psicoterapia é outra abordagem terapêutica que pode ser adotada no tratamento do autismo e em conjunto com a terapia cognitivo-comportamental (TCC) é uma forma de psicoterapia que pode ser útil, ajudando as crianças a aprender habilidades sociais e lidar com ansiedade e emoções negativas.

Nesse contexto, o método em questão se fundamenta em três princípios básicos: reforço positivo, modelagem e fading. O reforço positivo consiste em recompensar comportamentos desejados, enquanto a modelagem envolve a demonstração de comportamentos desejados pelo terapeuta. Já o fading se refere à redução gradual da ajuda fornecida pelo terapeuta, à medida que a criança adquire habilidades. As técnicas utilizadas incluem a quebra de tarefas em etapas menores, o ensino em tentativas discretas, a análise de dados e o feedback contínuo. A quebra de tarefas em etapas menores permite que a criança aprenda de forma mais efetiva e que o progresso seja monitorado de maneira mais precisa. O ensino em tentativas discretas consiste em ensinar uma habilidade em pequenas partes, com reforço positivo imediato para cada acerto. A análise de dados permite ao terapeuta monitorar o progresso da criança e fazer ajustes no tratamento caso necessário, e portanto, o feedback contínuo ajuda a garantir a consistência do tratamento (CHOI K et al., 2022).

Portanto, é importante realizar mais estudos que possam avaliar a eficácia da ABA no tratamento do autismo. Além disso, é fundamental considerar as limitações e desafios envolvidos na implementação da ABA, a fim de garantir o acesso ao tratamento para todas as crianças que necessitam.

Eficácia e limitações da ABA no tratamento do autismo

Martins JSD e Camargo SPH (2023) buscaram investigar a eficácia de uma intervenção fundamentada em estratégias da Análise do Comportamento Aplicada (ABA) na facilitação do processo de adaptação escolar de crianças diagnosticadas com autismo. O experimento envolveu três crianças autistas, inscritas em turmas de pré-escola na região de Pelotas, juntamente com suas respectivas professoras. Utilizou-se uma abordagem de pesquisa de caso único, empregando um delineamento de bases múltiplas entre os participantes, com a coleta de dados dividida em duas fases (A e B). A intervenção consistiu na aplicação de estratégias da ABA adaptadas às necessidades individuais de cada aluno e às dinâmicas de suas respectivas turmas. As variáveis analisadas foram o tempo de participação em atividades, o tempo de ocorrência de comportamentos disruptivos durante as atividades e a frequência de interação com colegas e professores. Os resultados revelaram um aumento estatisticamente significativo na participação e interação de todos os participantes, acompanhado de uma

redução na manifestação de comportamentos disruptivos que anteriormente os afastaram das atividades.

Souza DLD et al (2020) , para enriquecer o conhecimento sobre o tema, buscou explorar a percepção de pais e profissionais sobre a aplicação da técnica ABA em crianças com TEA. Empregando uma abordagem qualitativa, a pesquisa envolveu 17 participantes, sendo nove profissionais e oito familiares de crianças com TEA, que responderam a entrevistas adaptadas às suas respectivas categorias. Os dados foram analisados por meio de análise lexical utilizando o software IRaMuTeQ (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*). Os resultados destacam que a ABA proporciona melhorias nas habilidades sociais e afetivas das crianças com TEA, ao reforçar comportamentos socialmente aceitos e modificar aqueles considerados não aceitáveis, além de reduzir comportamentos repetitivos e estereotipados.

Numa pesquisa retrospectiva e observacional, conduzido por Choi K et al. (2022) em um grande sistema de saúde integrado no sul da Califórnia, uma amostra aleatória de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), com idades entre 3 e 17 anos, foi encaminhada para a Análise do Comportamento Aplicada (ABA) entre janeiro de 2016 e novembro de 2018. Dos 4.145 casos encaminhados, 334 foram selecionados aleatoriamente para análise dos relatórios clínicos ao longo de 24 meses de serviços. Os resultados revelaram que 13% da amostra não receberam ABA após o encaminhamento. Daqueles que iniciaram a essa terapia, 66% permaneceram nos serviços por 12 meses, e apenas 46% permaneceram por 24 meses. Foi observado que histórico de educação especial esteve associado a um maior tempo de permanência na técnica em questão, enquanto ter pai solteiro foi associado à descontinuação do serviço. Embora uma minoria das crianças tenha recebido uma dose completa (28%), aquelas com menor funcionamento ainda experimentaram ganhos clinicamente significativos no comportamento adaptativo após 24 meses de intervenção. Conclui-se que, apesar da implementação da ABA, altas taxas de descontinuação e baixa dosagem do tratamento representam desafios que podem reduzir seus benefícios potenciais, mesmo em contextos com cobertura de seguro comercial obrigatória.

Gerow S et al., (2023) buscou avaliar a eficácia de um programa de coaching de cuidadores realizado através de telessaúde para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Trinta crianças com TEA e seus cuidadores participaram do estudo, recebendo treinamento em intervenções específicas por meio de visitas síncronas de telessaúde. Durante as sessões, os cuidadores foram instruídos em técnicas como treinamento de comunicação funcional, ensino experimental discreto, encadeamento total de tarefas e ensino naturalista, visando alcançar metas individualizadas. Os resultados revelaram uma alta fidelidade dos cuidadores à implementação dos procedimentos de intervenção, com uma precisão média de 95%. Além disso, os dados demonstraram melhorias significativas, em média, nas metas abordadas, com 85% das crianças apresentando melhorias médias, grandes ou muito grandes. Embora tenha havido melhorias no envolvimento adequado das crianças, medidas adicionais pré e pós-intervenção não mostraram melhorias estatisticamente significativas. Esses achados, em conjunto com pesquisas anteriores, sugerem um suporte preliminar para o uso da telessaúde na prestação de serviços de Análise do Comportamento Aplicada (ABA). No entanto, são necessárias mais pesquisas para avaliar completamente a eficácia desses programas.

Um aspecto relevante na implementação da ABA é a necessidade de uma equipe interdisciplinar para o sucesso da intervenção. Como essa técnica envolve muitas áreas de habilidades e comportamentos, é essencial que a equipe de intervenção inclua profissionais de diferentes áreas, como psicólogos, fonoaudiólogos e terapeutas ocupacionais. Isso permite uma abordagem mais abrangente e personalizada para cada criança, garantindo a máxima eficácia do tratamento (DE AZEVEDO MV, et al., 2024).

Outra limitação na implementação desse método é a falta de regulamentação e padronização da terapia no Brasil. Embora a terapia ABA seja reconhecida como uma abordagem eficaz para o tratamento do autismo, ainda não existe uma regulamentação clara sobre a qualificação e formação dos profissionais que realizam a terapia. Por ora, isso pode levar a uma variação na qualidade da terapia oferecida, o que pode afetar os resultados para as crianças e suas famílias (FREITAS LAB, 2022).

Estratégias de intervenção para o tratamento do autismo

O tratamento do autismo envolve diversas estratégias de intervenção que visam adaptar o tratamento às

necessidades individuais das crianças. A intervenção precoce é fundamental para o sucesso do tratamento, e o uso de abordagens baseadas em evidências é essencial para garantir a eficácia do tratamento. A adaptação do tratamento às necessidades individuais das crianças é essencial para garantir que o tratamento seja eficaz e atenda às necessidades específicas de cada criança (DE PAULA LC, et al., 2024).

Além disso, a combinação de diferentes terapias pode ser uma estratégia eficaz no tratamento do autismo. Um estudo prospectivo realizado por Ying-Shuang HE et al. (2022) examinou os efeitos da musicoterapia cooperativa como forma de terapia de integração sensorial entre pais e filhos nos principais sintomas de crianças com transtorno do espectro do autismo (TEA) e no estresse parental das mães. A pesquisa incluiu 112 crianças com TEA e suas mães, divididas aleatoriamente em dois grupos: um grupo recebeu musicoterapia além da análise do comportamento aplicada, enquanto o outro grupo recebeu apenas ABA, com 56 díades em cada grupo. Ambas as intervenções duraram oito semanas. Os resultados indicaram que as crianças do grupo de musicoterapia tiveram melhorias significativas nas pontuações das escalas ABC e CARS em comparação com aquelas do grupo ABA. As mães no grupo de musicoterapia relataram menor estresse parental e maiores níveis de esperança e satisfação familiar, medidos pelo índice APGAR, em comparação com as mães do grupo ABA. Assim, a combinação de musicoterapia cooperativa e ABA foi eficaz na redução dos sintomas de TEA nas crianças e no aumento do bem-estar das mães.

Nessa concepção, a combinação de terapia ABA com terapia ocupacional é eficaz na promoção do desenvolvimento motor e da independência funcional em crianças com autismo. Leal KDV et al. (2023) realizou um estudo de relato de experiência de cuidados precoces oferecidos por terapeutas ocupacionais em um programa extensionista, analisando o perfil das crianças atendidas e descrevendo as avaliações e intervenções realizadas. Os atendimentos foram conduzidos por discentes extensionistas em ambulatório de pediatria de uma universidade federal, duas vezes por semana, com duração de 30 minutos cada. Ao todo, 32 crianças com idades entre 2 meses e 9 anos foram assistidas, apresentando diagnósticos que incluíam entre as doenças o autismo e outros atrasos globais do desenvolvimento. O estudo destaca a importância da avaliação e acompanhamento do desenvolvimento infantil, especialmente para crianças com atrasos, que enfrentam dificuldades para alcançar marcos evolutivos considerados normais para sua faixa etária. A estimulação precoce nessas crianças tende a resultar em melhorias significativas no desenvolvimento global, evidenciando a relevância das intervenções realizadas. Através das ações extensionistas, foi possível identificar atrasos no desenvolvimento, prevenir debilidades, reabilitar funções e, conseqüentemente, promover melhorias nos resultados desenvolvimentais das crianças atendidas.

O papel dos profissionais de saúde na intervenção do autismo

Para corroborar com o tema, um estudo realizado por Bonfim TA et al. (2023) teve como objetivo sintetizar o cuidado oferecido pelos profissionais de saúde às famílias de crianças com Transtornos do Espectro Autista (TEA) nos diferentes níveis de atenção. Baseado em uma abordagem qualitativa e no referencial teórico filosófico do Cuidado Centrado na Família, foi conduzido com 22 profissionais de três equipes multiprofissionais da Rede de Atenção à Saúde em um município de Mato Grosso do Sul, Brasil. Os dados foram coletados por meio de grupos focais, organizados e analisados com o auxílio do software Atlas.ti 8 Qualitative Data Analysis®, e submetidos à Análise de Conteúdo Temática. Os resultados revelaram que as ações dos profissionais se concentram em situações específicas, especialmente nas demandas e necessidades decorrentes dos cuidados e comportamentos atípicos das crianças. Fatores como sobrecarga de trabalho e pouca experiência profissional foram identificados como influenciadores do cuidado familiar, destacando a fragilidade do cuidado multiprofissional e a falta de visibilidade da família como unidade de cuidado. Como conclusão, ressalta-se a necessidade de revisão do funcionamento da rede de atendimento multiprofissional e sua organização, bem como a implementação de ações de educação permanente para qualificar as equipes no atendimento às famílias de crianças no espectro do autismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intervenção precoce é crucial para crianças com autismo, um transtorno que afeta a comunicação e o comportamento. No Brasil, onde cerca de 1 em cada 400 crianças é afetada, a Análise do Comportamento

Aplicada (ABA) tem se mostrado promissora, promovendo habilidades sociais e linguagem. No entanto, desafios como a falta de profissionais qualificados e os custos elevados limitam seu acesso. Estudos destacam a eficácia a longo prazo da ABA e a importância da intensidade da intervenção, além da necessidade de personalização do tratamento e combinação de terapias. A família desempenha papel crucial, oferecendo suporte emocional e envolvendo-se nas terapias. A comunicação aberta entre profissionais de saúde e família é essencial. Profissionais de saúde, como pediatras e neuropediatras, são fundamentais para o diagnóstico precoce e adaptação contínua do tratamento. Em suma, o tratamento do autismo exige uma abordagem holística, adaptada a cada criança e com envolvimento ativo da família e dos profissionais de saúde, superando desafios para garantir acesso universal ao tratamento necessário.

REFERÊNCIAS

1. BONFIM TA, et al. Assistance to families of children with Autism Spectrum Disorders: Perceptions of the multiprofessional team. *Revista latino-americana de enfermagem*, 2023; 31: e3780.
2. COSTA ADA, et al. Maternal and paternal licit and illicit drug use, smoking and drinking and autism spectrum disorder. *Ciência & Saúde Coletiva*, 2024; 29: e01942023.
3. CHOI K, et al. . R., Bhakta, B., Knight, E. A., Becerra-Culqui, T. A., Gahre, T. L., Zima, B., & Coleman, K. J. Patient Outcomes After Applied Behavior Analysis for Autism Spectrum Disorder. *Journal of developmental and behavioral pediatrics : JDBP*, 2022; 43(1): 9–16.
4. DA SILVA SDN, et al. A importância da atenção farmacêutica nos cuidados a pacientes portadores do transtorno do espectro autista (TEA). *Revista JRG de Estudos Acadêmicos*, 2022;5(10):16-28.
5. DE AZEVEDO MV, et al. INTERDISCIPLINARIDADE E CONEXÃO DOS SABERES NA CONTEMPORANEIDADE. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, 2024;10(1): 442-448.
6. DE PAULA LC, et al. Transtornos psiquiátricos prevalentes na infância: lidando com desafios comportamentais. *Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences*, 2024; 6(1): 728-760.
7. DE SOUSA DLD, et al. Análise do comportamento aplicada: a percepção de pais e profissionais acerca do tratamento em crianças com espectro autista. *Contextos Clínicos*, 2020;13(1):105-124.
8. FABRETTI JO, et al. Transtorno do Espectro Autista: População Adulta. *Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences*, 2024; 6(2): 173-185.
9. FREITAS LAB. Certificação profissional, Análise do Comportamento Aplicada e Transtorno do Espectro Autista: contribuições para um debate. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 2022; 24:1-29.
10. GEROW S, et al. Evaluation of a Telehealth ABA Program for Caregivers of Children with ASD. *Behavior Modification*, 2023; 47(2): 349-379.
11. GONÇALVES AL, et al. Diagnóstico e intervenção precoce no autismo: relatos de práticas profissionais. *Diaphora*, 2021; 10(1): 31-39.
12. INACIO TV e DA SILVA JRP. Da expectativa à experiência com autismo: processos institucionais na Rede SUS. *Revista Hum@nae*, 2023;17(2).
13. JAYOUSI S, et al. ICT framework for supporting applied behavior analysis in the social inclusion of children with neurodevelopmental disorders. *Sensors*, 2023; 23(15): 6914.
14. LEAL KDV, et al. NEUROPEDIATRIA E TERAPIA OCUPACIONAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA EM PROGRAMA DE ESTIMULAÇÃO PRECOCE. VIGILÂNCIA DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL TÍPICO E NEURODIVERSO: CONCEITUAÇÃO E PROCESSOS INCLUSIVOS, 2023;1(1): 12-28.
15. LIMA LC, et al. FERRAMENTAS DE ADMINISTRAÇÃO: APLICAÇÃO DO BUSINESS MODEL CANVAS NO SERVIÇO DE INTERVENÇÃO PRECOCE DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA–TEA. *Revista PRETEXTO*, 2022; 23(4).
16. LOPES-HERRERA SA, et al. Comparison between the socio-educational profiles of children with verbal and non-verbal Autism Spectrum Disorder. In: *CoDAS. Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*, 2023: e20210317.
17. MARTINS JSD e CAMARGO SPH. A adaptação de crianças com autismo na pré-escola: estratégias

- fundamentadas na Análise do Comportamento Aplicada. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, 2023;104: e5014.
18. MENDONÇA RR, et al. TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: INTERVENÇÕES DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO APLICADA E TERAPIA COGNITIVO COMPORTAMENTAL. *REVISTA DE TRABALHOS ACADÊMICOS–CENTRO UNIVERSO JUIZ DE FORA*, 2023;1(16).
 19. MOISÉS TCCP e SANTOS MP. ANÁLISE COMPORTAMENTAL APLICADA:: UMA ABORDAGEM POSSÍVEL NA EDUCAÇÃO INFANTIL EM CLASSES COMUNS. *Ensaio Pedagógicos*, 2024; 8(1): 91-104.
 20. PEREIRA ACSC. CRIANDO PONTES PARA O APRENDIZADO: INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL. *Revista Primeira Evolução*,2023;1(46): 25-35.
 21. PESTANA, DMADA, et al. Considerações sobre a análise do comportamento aplicada na atuação precoce no Transtorno do Espectro Autista (TEA). *Humanidades em Perspectivas*, v. 5, n. 11, p. 100-113, 2023.
 22. SOARES TF e GUIMARÃES JEV. A IMPORTANCIA DA FISIOTERAPIA NO DESENVOLVIMENTO MOTOR EM CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA. *Revista Saúde Dos Vales*, 2024;3(1).
 23. STEIGLEDER BG, et al. Sinais de alerta para transtorno do espectro autista: evidências de validade do PROTEA-R-NV. *Avaliação Psicológica*, 2021;20(3): 331-340.
 24. TREVISAN DF, et al. Aplicativos para intervenção comportamental de estudantes com Transtorno do Espectro do Autismo. *Revista Brasileira de Informática na Educação*, Porto Alegre, 2021;29:1487-1504
 25. YING-SHUANG HE. et al. Effect of parent-child cooperative music therapy on children with autism spectrum disorder and their mothers: a prospective randomized controlled study. *Chinese Journal of Contemporary Pediatrics*, 2022; 24(5).